

COTIDIANO E CONVIVÊNCIA NA CASA DO MIGRANTE

*Elaine Cristina Camillo da Silva **



Foto: Missionárias Seculares Scalabrinianas

Naquilo que chamamos habitualmente de cotidiano, o que o homem busca? O que pode ter em comum o cotidiano de um empresário, de um professor e de um migrante desempregado...? Gostaríamos de ressaltar nestas páginas uma delas: a convivência, o fato que todos os homens, no seu dia-a-dia, interagem entre si.

Acreditamos que esta seja uma das coisas mais importantes e centrais na vida do homem. Cotidiano de encontros, de escolhas de entrar ou não em relação, de como responder à exigência do “outro” que está diante de mim. Para estudar a convivência escolhemos uma entre tantas situações-limite do homem: migrantes em um “albergue”, a presença do “outro” não escolhido (não escolheram nem o estar juntos, nem com quem), desconhecido, com hábitos diferentes, um jeito de ser e de pensar diferente: mineiros, paulistas, nordestinos, sulistas, nortistas, africanos, latino-americanos... jovens, adultos... solteiros, casados, separados... analfabetos, primeiro grau completo, com curso superior... tantas diferenças, em uma só casa! Cada um destes migrantes está longe do seu “grupo

primário” (família, vizinhos, etc.), está diante da possibilidade de tecer novas relações com as pessoas que estão ao seu redor.

Os migrantes, que deixaram para trás pessoas queridas, tudo aquilo que possuíam, e se movem em busca de uma possibilidade de sobrevivência ou de melhorar de vida, muitas vezes têm que enfrentar o desafio de “viver humanamente” as situações mais desumanas. A busca mais profunda, então, é aquela de encontrar um sentido para a situação que estão vivendo. Nesta busca, as relações se revelam para os migrantes como o único lugar onde é possível encontrar “repouso”. Antes de mais nada, procuram alguém que os possa escutar e estimar o suficiente para entrar em um relacionamento de reciprocidade. Todo e qualquer homem se realiza na relação, principalmente os migrantes, que não têm a possibilidade de compensar esta sede profunda com as outras coisas, que tiveram de deixar.

A relação é o habitat natural da vida do homem e promover a relação deveria ser a razão de cada ato humano: conhecer algo sobre o outro, a sua cultura, de onde vem, não tem valor em si se não acontecer um encontro de verdade, se não reconhecermos no outro o nosso “tu”. Isso vale para todos os homens e, como dissemos, ainda mais para os migrantes.

O COTIDIANO NA CASA DO MIGRANTE

Considerando a relação uma das dimensões mais importantes na vida do homem, escolhemos observar a convivência em uma determinada unidade social: migrantes hospedados na “Casa do Migrante”. Procuramos observar, no seu cotidiano, quando e com quem os hóspedes se

relacionavam¹.

A nossa descrição do cotidiano na Casa do Migrante tem como objetivo, como já dito, colocar em questão a possibilidade da “convivência” entre os hóspedes, o que favorecia ou dificultava essas relações, considerando a estrutura da casa, as atividades, os agentes da instituição, etc. Desde o momento da sua chegada à Casa até a sua saída, o migrante seguia um percurso em parte igual para todos; tratava-se das regras da instituição. Eles mesmos usavam a palavra “convivência” para indicar o tempo que passaram em um lugar, inclusive com determinadas pessoas, mas nem sempre indicava algum tipo de relacionamento com as mesmas, como nos mostra a fala de Eduardo: “*eu convivo aqui, convivi aqui há quatro meses, depois saí porque arrumei emprego*”.

Quem chegava pela primeira vez na Casa, era atendido pelo agente educacional na portaria e esperava num sofá, colocado perto da porta da entrada, para falar com a assistente social e preencher uma ficha numa sala, também esta logo na entrada da Casa. Regularmente, durante a sua permanência, deveria voltar a esta mesma sala para conversar com a assistente social, para ser acompanhado no seu “problema”, ou seja, o motivo que o trouxe até ali – 62% por desemprego, naquele período. O tempo de permanência era limitado: até três meses (poderia ser prolongado, se os agentes da instituição considerassem necessário).

Preenchida a ficha, o migrante passava a fazer parte do cotidiano da Casa, que passaremos a apresentar nos servindo da fala de um deles, Jorge:

Logo às cinco e meia, de segunda à sexta, nós somos chamados por um agente da organização; cinco e meia da manhã, de segunda à sexta, e a partir daquele momento

normalmente vai se lavar o rosto, tudo mais... vai se fazer as atividades, trocar de roupa, aguardar o momento ideal para tomar o chá, com pão, um tody... uma alimentação logo na faixa de seis e meia da manhã. Então alguns já estão trocado de roupa, consciente que sete horas, sete e dez, saem todas as pessoas, em destino, em busca de um trabalho, com aquela esperança de ver se encontra uma solução [...]

Então, quando a gente sai assim, ao retornar, de segunda à sexta, a gente tem que entrar quatro e meia, só pode entrar quatro e meia, mas na quinta-feira entra às duas e meia da tarde, para lavar uma roupa, e quem não vai lavar a roupa tem este privilégio, de entrar mais cedo e ficar aqui, uma descontração saudável, muito melhor que lá na rua [...] E no sábado [e domingo] também a gente retorna ao albergue às duas e meia...

Ao voltar para Casa, tinham que bater num grande portão de ferro, que um funcionário vinha abrir e marcar a presença na lista dos hóspedes da Casa (a ausência não-justificada por três dias levava à perda da vaga).

Podiam, então, pegar a própria bolsa no “bagageiro” (uma sala onde estavam todas as bolsas) e na porta um voluntário controlava o cartão de identificação do hóspede e verificava se a bolsa era realmente sua, uma vez que também esta era identificada com nome e número. Cada vez que entrava ou saía desta sala, deveria comunicar a este voluntário, para evitar que um pegasse a bolsa do outro, por engano ou voluntariamente.

Desde o momento da entrada até a hora da janta (19 horas), viam-se muitas bolsas espalhadas pelo pátio, algumas deixadas ali, enquanto o migrante tomava o seu banho

(obrigatório antes do jantar), outros tiravam da bolsa o que precisariam durante a noite, deixavam o que tinham que deixar (não podiam levar nada consigo para os dormitórios, além da roupa do corpo). Tudo isso acontecia no pátio, um quadrado com corredores laterais cobertos, de um lado a parede das salas e portas, e do outro, muros baixos onde apoiavam as coisas e se sentavam; no centro, sem cobertura, pequenos canteiros retangulares, cuidados por um hóspede da Casa que estava aprendendo jardinagem e se ofereceu para fazer este serviço.

Nestas horas antes do jantar alguns assistiam TV na sala, outros jogavam dama, outros ainda ouviam música com o *walkman* ou liam as revistas disponíveis na entrada; outros se deixavam ficar simplesmente ali, sentados, com o olhar perdido como quem espera o tempo passar. Era raro vê-los conversar em grupos, ainda que um dos funcionários nos tenha dito que muitos saíam já de manhã em grupinhos, e assim voltavam à tarde, procurando juntos trabalho e um lugar para comer. Na nossa observação, porém, nos pareceu notar a formação de grupos mais por parte dos estrangeiros, latino-americanos e africanos. Mesmo tentando provocar a conversa, geralmente não conseguíamos envolver quem estava ao lado, que depois de um tempo pedia licença e se afastava, ou ficava em silêncio, enquanto o outro falava de si, contava a sua história.

Na hora da janta, formava-se uma fila fora do refeitório, até que Marta (a mesma que trabalhava como assistente social) abria a porta e convidava para entrar. Colocavam-se diante dos pratos já prontos, distribuídos ao longo das mesas e esperavam de pé até que ela fizesse uma oração; só então sentavam e começavam a comer, enquanto ela continuava dando algumas orientações

em relação à permanência na Casa, ao uso dos espaços comuns, e convidava nominalmente para ajudar a lavar os pratos e arrumar a cozinha depois do jantar. Durante a janta os migrantes raramente conversavam entre si, mesmo que fisicamente muito próximos.

Ao terminar, alguns já começavam a subir para os quartos, e de novo se formava uma fila, desta vez diante da porta que dava para as escadas do dormitório, para serem revistados por um funcionário. Alguns ainda tinham que tomar banho, e outros chegavam tarde do trabalho e jantavam depois, desde que tivessem avisado previamente algum funcionário.

Geralmente este era o momento das atividades de grupo: um dos membros da direção reunia os recém-chegados uma vez por semana, para que pudessem se apresentar e para apresentar a Casa a eles; tinha também um voluntário que fazia reuniões nas quartas para prevenir ou incentivar o processo de recuperação do alcoolismo e da tóxico-dependência. Aos sábados se celebrava a missa e se organizavam momentos de festa (por exemplo, a “noite cultural”, onde cada um era convidado a cantar, recitar uma poesia, etc.).

Finalmente, chegava a hora de ir dormir:

Somos em sete no quarto. Pra você ter uma idéia, se eu chegar lá agora, num precisa nem acender a luz, porque a claridade bate, dá pra enxergar. Bom, eu num vou guardar a roupa no cabide, vou chegar lá, vou botar minha camisa em cima da cama e dormir.[...] Chego lá ‘tá todo mundo dormindo, se tem um assistindo televisão, quando ele vai lá ele entra em silêncio. O senhor de bigode, outro dia ‘tava elogiando o quarto, realmente é o quarto onde o pessoal se respeita mais. Os outros são um pouco

barulhentos, mas até nem por falta de respeito, às vezes a pessoa num se toca, começa a conversar e esquece.”

CONVIVÊNCIA ENTRE OS HÓSPEDES

A passagem na Casa do Migrante tinha a marca da provisoriedade, lembrada com ênfase na fala dos entrevistados. Cada um tinha um motivo para não estar muito tempo ali, e de um modo ou de outro tentava se diferenciar dos demais, principalmente naquilo que não era “bem visto”, como o alcoolismo – raramente alguém assumia, geralmente se percebia só nas entrelinhas.

Percebeu-se, também, um preconceito em relação aos albergues e a quem neles habita. Esta imagem criada na mente de cada um deles os levava a formar pré-conceitos em relação aos companheiros e a tentar apresentar-se como “diferente”:

Quando cheguei aí ... nossa eu estranhei! Vou falar sério pra você, vou ser sincero! Realmente eu estranhei! Nossa, ela falou casa abrigo, quando eu vi que é coisa assim, meia ... [...] Daí eu pus a minha mochila assim, daí me deu vontade de dizer assim: ah, será que eu preciso mesmo ‘tá nisso aqui? Nossa, acho que não! Mas eu fiquei, eu fiquei, né? [...] Daí eu fui vendo as pessoas, achei um pouco estranho, porque eu nunca tinha morado em um lugar assim, dessas pessoas assim meio estranhas, entendeu? Daí tudo bem, a dona Marta me chamou pra conversar, que tem uma conversa sempre com ela, daí eu falei, expliquei pra ela, daí disse: ó, dona Marta é só ... por um tempo, enquanto eu arrumo um emprego, que eu acredito que num vai

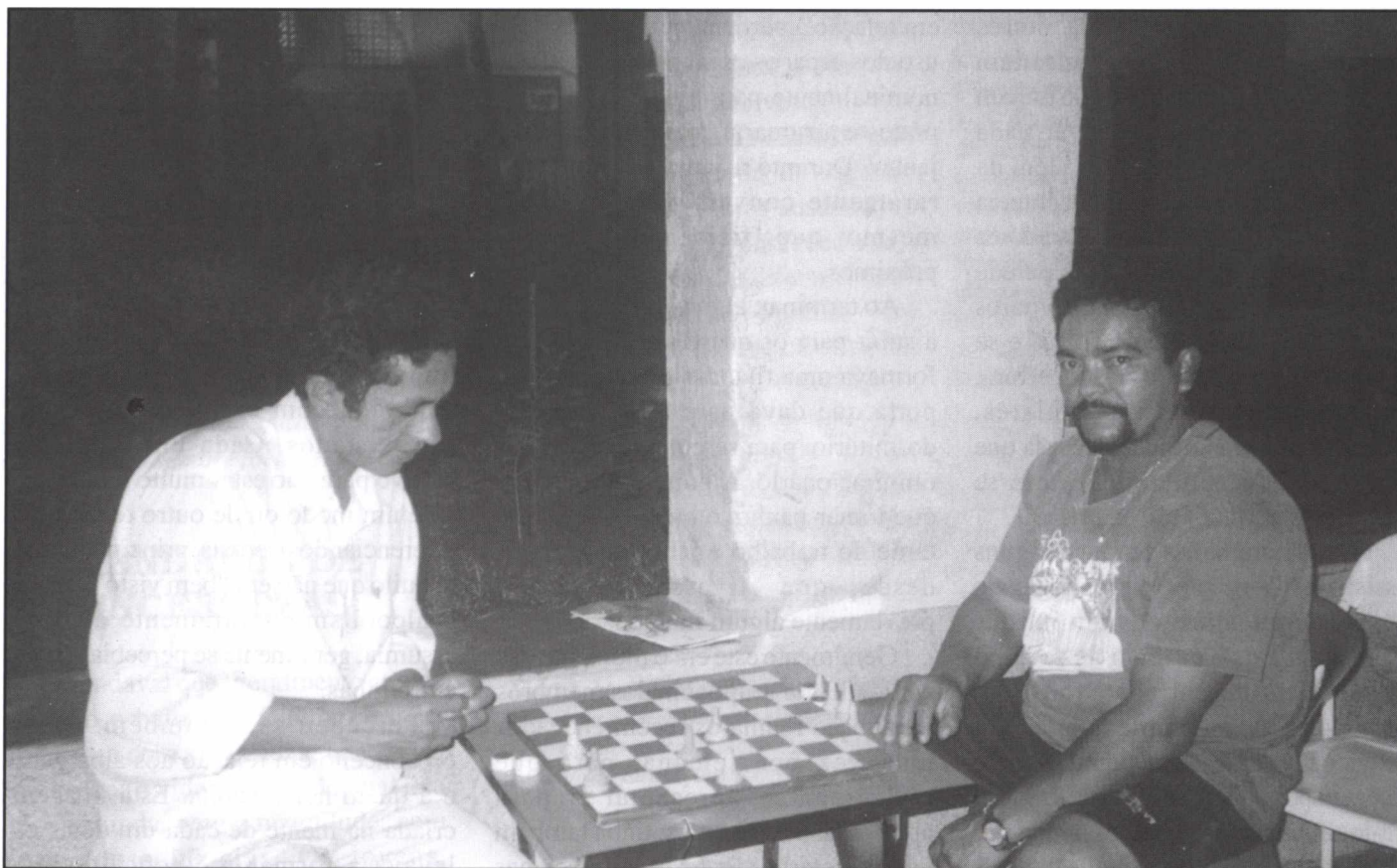


Foto: Missionárias Seculares Scalabrinianas

demorar muito, a gente espera, sempre espera nisso [...]

Eu comecei assim, ... era na segunda semana, eu já consegui esse trabalho, na segunda semana, foi. Na primeira semana, normal, eu vinha como qualquer outro aí, chegava, tomava banho, ficava por aí, assistindo TV, e ... foi ... tomava banho, ficava, isso ... nas duas primeiras semanas, daí até então tinha um rapaz que já 'tava aqui, e por sinal gostou de mim, conversar comigo, sempre ele me chamava ... pra ajudar, era passar manteiga no pão [...] porque é assim, quando você num conhece, a pessoa vem, tá aqui, num se envolve com nada, mas quando você vai conhecendo, vai a fundo, você vai se acostumando com a coisa, aí sim você vê que é mais profundo, num é só a pessoa que passa aqui e vai embora, entendeu?

(Pedro)

Este objetivo, de ser “diferente”, acompanhará alguns durante toda a estadia, chegando até mesmo a não se apresentar como hóspede, mas motivando a permanência por outras razões, como nos disse Eduardo: “a gente tá aqui fazendo o que hoje? Eu tô fazendo meus bicos com o seu João, e a minha esposa está fazendo as férias de uma funcionária”.

Muitos eram os modos para tentar se distinguir da “massa”; por exemplo, tanto Eduardo quanto Pedro não jantavam com os outros: Pedro porque ajudava na cozinha, Eduardo porque jantava com a mulher e os filhos. Um dos funcionários, que nos contou a sua experiência com um refugiado que passou pela Casa, confirma esta afirmação: mesmo sem falarem a mesma língua (falava inglês), esperava sempre este funcionário para jantarem juntos, depois dos outros, porque tinha

“muita gente” no refeitório; também para assistir TV, não queria ficar na sala, junto com os outros, “muita gente”!

Para eles eram preciosos os momentos onde pudessem ser ouvidos e atendidos pessoalmente, como nos disse a cozinheira:

Há muito tempo não tomaram um café, há muito tempo não tiveram com quem conversar, uma coisa assim, e eles se sentem muito felizes nesse momento que você oferece uma coisa diferente para eles! [...] E assim, na hora que eles me ajudam, se você dá um pouquinho de carinho para eles! Eles se sentem muito alegres, começam a te dar mais carinho, mais atenção, eu noto, porque eles mesmos se oferecem! [...] dona Conceição, eles falam, se eu fizer uma pergunta pra senhora, a senhora tem uma resposta? Às

vezes as perguntas são difíceis para eu responder! Bem difíceis, que eu não tô preparada para responder para eles! Às vezes a gente dá uma palavra de consolo pra eles, mas ... não vale de nada, né? [...] Porque eles se fecham, tem gente que se fecha muito, sabe? Se fecha, e tenta se conservar ... e pensam errado também. **O essencial seria isso, ter com quem eles soltar tudo o que tem por dentro!**

Realmente, depois de passar o dia, dia após dia, acumulando tantas tensões, precisam “descarregar” com alguma coisa ou alguém, como Fábio, que passou a lavar as panelas na cozinha para descarregar a tensão de não conseguir emprego, ou Jorge:

Quando estou trabalhando lá eu estou ganhando, quanto mais eu esteja parado, eu estou perdendo, porque eu não estou tendo nada de lucro, e eu estou me debatendo mentalmente: meu Deus, será que eu vou conseguir ou não vou? Aquela mente vazia, né? Se não tiver muito amor a Deus e ao próximo é sujeito cair num beco sem saída, como muitos lá, os presidiários, que ... [...] Então é uma situação... muito difícil, muito crítica, a situação do ser humano quando ele se confronta com o desemprego...

Esta tensão, será que em algum momento acaba explodindo entre eles? Parece que sim, como nos contaram Manuel e Fábio:

...nem por causa disso eu fiquei revoltado, mas tem gente que... fica revoltado com a vida que leva. Às vezes tem gente aqui dentro mesmo, às vezes a gente tá lavando o rosto assim, e ele olha assim: que qui é rapaz? [...] Tem gente que amanhece aqui já revoltado com a vida que leva. [...] Eu faço de conta que num tô ouvindo, é a melhor coisa que a gente faz. Se você for

dar ouvido pra uma pessoa dessas... piora, é pior ainda.

(Manuel)

Eu costumo, quando chega estes momentos mais tensos, me afastar e evitar. Eu erro muito, claro, às vezes eu vou brincar com uma pessoa, e às vezes a pessoa... eu falo: desculpe a brincadeira! [...] Bati muito, levei muito, dá pra se ter uma idéia, o que eu costumo fazer é, quando eu percebo que a pessoa... não tem assim um nível de conversa igual ao meu, quando eu percebo que não dá pra conversar, tudo bem, eu não mando embora a pessoa, cumprimento, tudo, mas eu... procuro não prolongar.

(Fábio)

Percebe-se também a tendência à tolerância entre eles, aquilo que Fábio chama, em um outro trecho da entrevista, de “respeitar a diferença”, ele que desde pequeno viveu em um ambiente com muitas pessoas, em um orfanato (refere-se a esta experiência quando diz “bati muito, levei muito”). Também Manuel (também ele já tinha passado por vários albergues), “fazer de conta que não está ouvindo”.

Para que não “explodam” estas tensões, vimos como uma peça importante a presença dos agentes da instituição, principalmente os funcionários, como mediadores entre os hóspedes. Esta presença parecia transformar o ambiente, visto positivamente por alguns hóspedes. Isso na nossa observação, mas também na fala deles mesmos:

No sentido de não haver desentendimento, não haver a permissão de entrar bebida alcoólica, não fazer bagunça, não gritar um com outro, se grita um com outro, se há um temperamento agitado, no momento crítico, eles [funcionários] tratam logo de, com

brandura, com humildade, eles tratam de providenciar um relacionamento amigo, de diálogo, humilde, compreensivo. Em certos lares não tem tanta compreensão, o tanto quanto aqui ... o mais forte é que quer falar mais alto, e aqui não, aqui num tem a desigualdade. Taí a dona Marta, uma pessoa ... e as outras pessoas da diretoria da ... se vem falar com a gente, fala com humildade, se não sabe o nome da gente: ó, cidadão, dá pra você fazer isso, assim, assim! Até ela quando chama o nome do cidadão ali à noite, no período da janta para auxiliar o serviço da limpeza, na cozinha, no refeitório, ela pergunta: por favor, você pode me ajudar? Ou pode ajudar a dona Conceição aí na cozinha, no refeitório? A pessoa afirma que sim, ela diz: muito obrigado! Então, todo aquele diálogo que a gente não conheceu de humildade, no conviver com outras pessoas, quando a gente passa a conhecer a gente grava dentro da alma, dentro do coração, da mentalidade, e trata de contribuir, porque tem o prazer de contribuir o máximo possível...

(Jorge)

É POSSÍVEL A CONVIVIALIDADE NA CASA DO MIGRANTE?

O ponto de partida de nossa reflexão é a pessoa em relação, considerada em uma determinada unidade social. Pessoas que não se conheciam e de uma hora para outra têm que conviver, e isso provoca reações diferentes, como pudemos observar: discriminação, conflito, negação da existência do outro (recusa de entrar em relacionamento), indiferença, tolerância... relações.

Voltamos a colocar a pergunta: diante das informações recolhidas o que podemos considerar como condições para tornar possível a relação?

Baseamo-nos no pensamento de Antonio Nanni, filósofo e pedagogo, que propõe um passo além da convivência, aquilo que ele chama “convivialidade das diferenças”:

Quando em uma sociedade não se consegue dar espaço ao outro, acolhê-lo, hospedá-lo, porque é “diferente”, ali não tem convivialidade.[...] Convivialidade diz certamente algo mais do que interdependência, do que solidariedade, do que convivência democrática. Convivialidade é coabitação e coexistência pacífica [...] é não exclusão de ninguém [...] é principalmente reciprocidade. Convivialidade é o modo no qual somos capazes de dar espaço ao outro deixando que permaneça outro, mesmo na comunhão mais intensa. (Nanni, 1994: 164) ²

Tomamos como paradigma esta sua proposta para um “novo sistema de organização social”, conscientes de que na situação particular da Casa do Migrante a passagem da convivência para a convivialidade não é fácil. Mesmo assim queremos tentar fixar o olhar nesta meta, e assim procurar individuar o que já existe de positivo naquelas determinadas condições: naquela sociedade, naquele bairro, naquela Casa, com aquelas pessoas, com aqueles recursos.

Nanni usa a expressão “rosto do outro”, de Levinás. A noção de “rosto” leva ao reconhecimento da irrepetibilidade e singularidade do outro. A presença do “rosto do outro” exige uma resposta, não-indiferença.

A Casa do Migrante poderia ser um lugar privilegiado de “pluralidade dos rostos” para uma experiência de convivialidade, um “laboratório” de relações novas que se podem alargar

depois na sociedade mais ampla. Mas como propor tal objetivo considerando o breve tempo de permanência dos migrantes? Esta pergunta nos parece oportuna. Nesse sentido, observamos a importância do “ambiente” que encontram os recém-chegados na Casa. Com esta palavra entendemos todas as características da Casa, mas principalmente as relações existentes entre as pessoas já presentes.

Aquilo que impede a possibilidade de entrar em relação muitas vezes é o distanciar-se do outro, fechar-se em si mesmo, o preconceito, o medo que outro possa me fazer algum mal. Nanni diz que “para fazer crescer a sociedade convivial” é preciso educar à simpatia: “educar à simpatia quer dizer antes de mais nada desenraizar a ideologia do inimigo, a partir de uma nova atitude ética global: a simpatia originária e espontânea pelo rosto do outro” (Nanni, 1994: 65).

Mesmo na Casa do Migrante o caminho para superar a idéia do diferente como “inimigo” poderia ser conhecer o “outro”. Mas como? Aqui entra em jogo, a nosso ver, a “presença ponte” dos funcionários, que podem favorecer o encontro e a relação ali onde existem as maiores dificuldades. Durante o estágio vimos o quanto é importante a presença de um “terceiro” que possa mediar o relacionamento, ajudar a ver as coisas em uma perspectiva diferente, colocar interrogativos diante das “certezas” fundadas somente no “ouvir dizer”. Deste modo, torna-se possível que hóspedes e funcionários aprendam juntos a vencer a resistência de aproximar-se daqueles que já tinham (temos) classificado segundo os seus (nossos) pré-conceitos, como o “japonês”, o “nordestino”, etc.

Poderiam parecer indiferentes uns aos outros, observavam-se de longe, como se não estivessem interessados, mas escutavam com prazer as boas

notícias de quem os cercava. Este é um aspecto relevante se considerarmos que são pessoas em um momento bastante duro da vida, no qual são já suficientes as próprias preocupações e se torna muito difícil suportar também aquelas dos companheiros.

O relacionamento com o pessoal da Casa nos pareceu muito interessante. Talvez justamente pelo fato dos funcionários serem as pessoas presentes de modo mais estável, tornam-se pontos de referência, mesmo além das suas responsabilidades na Casa. Numa situação assim tão provisória como a dos migrantes, para eles parece ser importante saber que poderão encontrar aquela pessoa mesmo daqui a uma semana, não irá embora, mas trabalha ali, é conhecida, provavelmente não conta “mentiras”, nela se pode confiar.

A preparação à escuta e ao diálogo, de fato, parece de suma importância. Muitas vezes nas entrevistas dos funcionários foi lembrada a necessidade de ter “paciência”, que tem como motivação o conhecer a história das pessoas, a razão pela qual voltam nervosos pra Casa, como também o respeito pela dignidade da pessoa: “São como eu” (Conceição). É a experiência da semelhança e da diferença, do encontro com a alteridade: homem como eu, mas diferente de mim.

Justamente o valor que tem para eles o encontro pessoal, a escuta personalizada, poderia explicar o porquê da apatia nos trabalhos de grupo, ou a recusa da “massa”, quando tem “muita gente”. Pudemos perceber também nas nossas visitas, encontrando mais ou menos o mesmo grupo de pessoas: se pensassem que nos encontraríamos só uma vez, podem até inventar histórias (do tipo: “estou indo embora”, “encontrei trabalho”, geralmente tentam fazer pensar que não são “gente de albergue”, a

categoria mais discriminada), mas se nos encontramos mais vezes, tem maiores possibilidades de aprofundar o diálogo, de ambas as partes.

Observamos que a cozinha é um espaço importante para eles. Talvez se possa explicar pelo valor simbólico que traz consigo: um espaço de intimidade, onde cada um se sente “em casa”. A cozinheira, na entrevista, falava um pouco desta experiência: talvez para alguns o motivo era querer comer algo antes da janta, mas também um pertencer à Casa, principalmente para aqueles que ajudavam com frequência.

Lembramos também Manuel, “discriminado por excelência”: nordestino, ex-presidiário, ex-álcool-dependente, analfabeto, “gente de albergue”. Não se relacionava muito com os outros migrantes, o seu ponto de referência eram os funcionários: várias vezes o vimos estudando junto com os funcionários ou pedindo para colocar colírio nos olhos, uma coisa banal mas que indica a intimidade. Este e outros exemplos abriram uma nova perspectiva na nossa pesquisa: queríamos estudar a convivência entre os migrantes hóspedes e descobrimos a importância fundamental do relacionamento deles com os funcionários e voluntários.

Manuel foi justamente uma daquelas pessoas que fez ver o quanto é absurdo negar o relacionamento com o “outro”. Ele, que não era valorizado pelos esquemas da sociedade, manifestou uma profunda sede:

Num sei o que é, mas falta algo dentro de mim, e eu ando atrás e num encontro. Se fosse dinheiro, ... mas num é, dinheiro num vai comprar isso que tá faltando dentro de mim, não, porque eu acho que é um negócio muito grande, eu sinto um negócio muito vazio dentro de mim, eu me sinto uma pessoa ...

uma pessoa só, a minha doidera foi por causa disso aí também, porque eu me sentia muito só, sabe? Toda vida me sentia só, hoje eu sei controlar isso, esse meu lado. [...] Eu ia levando, mas aquele lá de cima me mostrou que não era por aí que era o lado. E se ele me mostrou esse lado aí, que não é aquele, e me tirou de dentro do buraco, ele vai me mostrar aonde é que tá isso daí, que eu sei que vai acontecer isso. Que tá me faltando algo, eu sinto. Eu vou nas igreja, eu vou num canto, eu rezo, eu peço a ele: me mostre, que me tá faltando, às vezes me dá vontade de chorar, num sei se você já sentiu, a lágrima num desce, sabe, você fica com aquele negócio no coração, o coração vai doer, assim ... faltando alguma coisa em você, aí parece que aquele negócio acalma, você vai dormir, quando eu durmo passa. [...] às vezes eu fico pensando, será que é uma mulher, que eu não tive, será que é o amor de mãe, que eu nunca tive na minha vida, será que é um filho, que eu nunca botei no mundo? Aí eu fico indeciso, sem saber o que é, eu num sei o que é, eu nunca vou saber, a não ser ele que vai me mostrar. Por isso que eu fiz aquela pergunta a você, que o coração dói, mas dói assim, num é doer, dor grande assim, é uma dor de solidão, falta algo dentro de você.

Manuel termina esta sua fala mencionando uma pergunta a quem o entrevistava, que indica uma relação: “num sei se você já sentiu”, se já sentiu a mesma coisa, procurava talvez algo que o indentificasse com o outro, referindo-se a uma experiência importante na sua vida; fala da “dor da solidão”... essa busca de relacionamentos no fundo é de cada homem.

CONCLUSÃO

Vimos, portanto, como na Casa do Migrante cerca de 80 pessoas estavam lado a lado no cotidiano, com diferentes níveis de relações entre si. Aquilo que talvez mais se aproximou da “convivialidade” foi o relacionamento dos hóspedes com os agentes da instituição, que procuravam deixar espaço à expressão da “diferença” de cada um. A questão da “reciprocidade” nos pareceu um ponto fraco nestas relações, uma vez que os hóspedes não se consideravam em um relacionamento de “igual para igual”, mas se sentiam inferiores, pela transitória situação de “dependentes”.

Como toda relação é um processo dinâmico, poderíamos admitir ter observado um certo nível de “convivialidade”, não ainda completo, como num laboratório onde se experimenta em pequenas doses, controlando as “condições ideais”, para depois repetir em larga escala.

** Elaine Cristina Camillo da Silva é Missionária Secular Scalabriniana.*

NOTA

- 1 - Casa do Migrante é um albergue para migrantes localizado no Glicério, em São Paulo. A Casa, no período do estudo, era dirigida pela AVIM (Associação de Voluntários pela Integração dos Migrantes), ligada à Congregação dos Missionários Scalabrinianos. O nosso estudo na Casa do Migrante foi realizado de julho a setembro de 2001, como um estágio ligado ao Master de Filosofia Social da Mobilidade Humana (SIMI). O método usado foi o da observação participante e entrevistas, recolhendo a história de seis migrantes internos e seis agentes da instituição. Nestes três meses, passaram pela Casa 188 pessoas (entre os quais apenas 6 mulheres), numa média de 80 pessoas por dia.
- 2 - Tradução do original em italiano feita por Elaine C. C. da Silva.

BIBLIOGRAFIA

NANNI, Antonio (1994) *Educare alla convivialità*. Bologna, EMI.